Capítulo

8

Grupo Focal em Informática na Educação: diálogo, conflito, consenso?

Eloiza da Silva Gomes de Oliveira (UERJ), Patricia Ribeiro Vasconcellos (Colégio Pedro II)

eloizagomes@hotmail.com, *patvasconcellos@cp2.g12.br*

Objetivo do Capítulo

Este capítulo tem o objetivo de esclarecer o que é a técnica de coleta de dados "Grupo Focal" e como utilizá-la. Neste sentido, ao concluir a leitura, o leitor deverá de ser capaz de:

- Conceituar Grupo Focal.
- Descrever as etapas de utilização de um Grupo Focal.
- Escrever um roteiro para Grupo Focal.
- Dominar os elementos básicos para implementar a técnica com um grupo de participantes.
- Analisar possibilidades de aplicação através de recursos digitais.

http://3.bp.blogspot.com/-4HY6M78QPp8/VQovUJSXAjI/AAAAAAAAFBg/bhFY05dDZ-U/s1600/live77894_cmo-crear-un-grupo-en-facebook.jpg

Era uma vez... *uma estudante de pós-graduação que começou sua pesquisa sobre tecnologias digitais com um questionário. Ao longo da pesquisa, sentiu a necessidade de aprofundar o conhecimento exposto pelo questionário e queria uma técnica qualitativa de coleta de dados. Seu objetivo era esclarecer pontos que não estavam claros. Pensou em um método que possibilitasse a entrevista dos participantes, mas de uma maneira coletiva e dialogada. Por não conhecer um método assim, pediu ajuda à sua orientadora, que indicou o Grupo Focal como método adequado ao caso.*

Ao aplicar o método, percebeu que dialogando emergem conflitos que, em alguns casos, chegam a um consenso, em outros não. Mas que, em ambas as situações, o Grupo Focal possibilita compreender dinâmicas de poder, grupos de opiniões, pontos de convergência e de divergência, aprofundando um conhecimento anterior.

Nas próximas páginas vamos conhecer o que é um Grupo Focal, para que serve e quais as etapas para realizá-lo.

Introdução: Por que diálogo e consenso?

Neste capítulo, vamos apresentar a técnica de coleta de dados chamada "grupo focal" (GF). Procuraremos expor com clareza o que é, para que serve e como utilizar um grupo focal em pesquisas qualitativas, especialmente no campo da Informática na Educação.

Abordaremos a realização de Grupos Focais presenciais e a distância. Os princípios básicos são os mesmos, porém existem diferenças. A realização de Grupos Focais *on-line* vem ganhando espaço no universo das metodologias de pesquisa utilizadas (DUARTE, 2007), especialmente por possibilitarem o encontro de participantes que, de outra forma, não poderiam se reunir. Neles os participantes interagem sincronamente, em tempo real, em *chats* (as chamadas salas de bate-papo na Internet) ou utilizando recursos tecnológicos que possibilitem conferências *on-line* (desde os fóruns tradicionais até as webconferências). Conforme afirmam Nicolaci-da-Costa, Romão-Dias e Di Luccio (2009), a introdução de novas ferramentas no universo da pesquisa científica, onde já existiam procedimentos semelhantes, anteriormente empregados, altera todo o cenário em que essa metodologia é utilizada.

Entre outras questões que abordaremos um ponto fundamental quando usamos grupos focais na coleta de dados é permitir que os participantes dialoguem sobre o assunto pesquisado, de maneira a estabelecer um consenso. Mas nem sempre há consenso! Com esta técnica podemos evidenciar disputas de poder, analisar conflitos e perceber como os participantes se influenciam mutuamente. É uma técnica que busca revelar opiniões de forma socialmente contextualizada.

Assim, os conceitos de diálogo e de consenso, ambos multidisciplinares em essência, tornam-se fundamentais na introdução do capítulo sobre Grupo Focal. Aos que nos perguntarem por que não incluímos o conflito na essencialidade de conceitos prévios, esclarecemos que, para nós, ele constitui um percurso natural, já que estamos falando de seres humanos, entre o diálogo e a consecução do consenso. Como não se constituem no foco principal do capítulo, vamos apenas delineá-los nesta introdução.

Abordaremos o diálogo a partir do seu nascimento na Grécia Clássica através de Sócrates e três autores de grande importância para a compreensão do conceito: Gadamer, Piaget e Paulo Freire.

O diálogo tem sua origem na dialética socrática: começar a discussão de um tema com uma pergunta, da escuta das opiniões dos demais e da "ironia", aplicação de perguntas e respostas que desconstruíam as respostas dadas e conduziam o interlocutor à convicção do erro. Na segunda etapa Sócrates praticava a "maiêutica", a "arte de fazer nascer ideias", partindo das opiniões iniciais chegava-se à construção do conhecimento sobre o tema dialogado. Provocava, desta forma, o nascimento da verdade a partir do diálogo, e não da verdade anteriormente conhecida e enunciada.

Fica clara a importância do outro no processo dialógico. Gadamer, em sua hermenêutica filosófica, pontua essa importância ao afirmar que o diálogo é a: "práxis da arte de compreender e fazer falar o estranho" (GADAMER, 1987, p. 87), cujo foco é o "diálogo, porque nele a linguagem se forma, amplia e atua" (GADAMER, 1993, p. 436).

E resume esse pensamento: “Um diálogo aconteceu quando deixou algo dentro de nós. [...] Quando encontramos no outro algo que não havíamos encontrado em nossa experiência de mundo”. O que pontifica na linguagem do diálogo é a busca de “submergir-se em algo com alguém” (GADAMER, 1993, p. 335).

Em Piaget (1999) encontramos grande ênfase na linguagem e nos processos dialógicos. Para ele a linguagem é sempre comunicação e envolve a interação entre sujeitos, pois, ao utilizar a linguagem, desejamos que o interlocutor tome consciência de algo que está em nossa mente, mas não se encontra na dele.

Como não considera a linguagem como inata no ser humano, mas construída ao longo do processo de desenvolvimento, o diálogo com os demais tem enorme importância na evolução da linguagem que chama de egocêntrica para a socializada, que realmente permite a dialogicidade. Ela é formada por cinco componentes: informações adaptadas, críticas, solicitações, perguntas e respostas.

Ao falar do desenvolvimento da linguagem socializada na criança diz o autor que “O fato de contar seus pensamentos, de transmiti-los aos outros, ou de calar ou falar somente consigo mesmo, deve ter, portanto, uma importância primordial na estrutura e funcionamento do pensamento em geral, da lógica da criança em particular”. (PIAGET, 1999, p. 43).

Finalmente, em Paulo Freire encontramos o diálogo como pedra basilar de uma pedagogia proposta pelo autor com a finalidade da construção e reconstrução do conhecimento. Em conversa com Ira Shor, que gerou um livro, Freire diz:

> Antes de mais nada, Ira, penso que deveríamos entender o diálogo' não como uma técnica apenas que podemos usar pare conseguir bons resultados. Também não podemos, não devemos entender o diálogo como uma tática que usamos pare fazer dos alunos nossos amigos. Isso faria do diálogo uma técnica para a manipulação, em vez de iluminação. Ao contrário, o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico, do caminho para nos tomarmos seres humanos. (...) o diálogo é o momento em que os humanos se encontrem pare refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem. (SHOR, FREIRE, 1986, p. 122-123).

Freire (1983) aplicou a concepção de diálogo nas rodas de conversa, também chamadas de “Círculos de Cultura”, proporcionando momentos de fala e de escuta que nos remetem, em certos momentos, à prática dos Grupos Focais. Ele entendia o diálogo ali estabelecido como a “pronúncia do mundo”, o processo de ler o mundo, problematizá-lo, compreendê-lo e transformá-lo.

Chegamos ao segundo conceito introdutório escolhido: o de consenso. Toda a vez que se estabelece um diálogo, como ocorre no Grupo Focal, mesmo que não enunciada há uma expectativa de que se estabeleçam o acordo, a conformidade de opiniões, ideias, sentimentos ou impressões, ou seja, o consenso, sem a aplicação de procedimentos coercitivos.

Trata-se de uma grande ilusão, o diálogo traz naturalmente o conflito inerente à diferença de ideias e mascará-lo, forçando um consenso, é o “avesso” do verdadeiro diálogo.

Resumindo o motivo desta fundamentação teórica inicial, podemos dizer que o

Grupo Focal, utilizado como metodologia de pesquisa, busca o diálogo para que a coleta dos dados pretendidos ocorra, sem preocupações com o estabelecimento de consensos e sem a exacerbação de conflitos que possam prejudicar a efetividade do método.

1 O que é um Grupo Focal?

Conceito

Grupo focal é uma técnica advinda do trabalho em grupos, utilizado inicialmente pela Psicologia Social. Seu objetivo é coletar material expressivo/discursivo de maneira interativa / coletiva, debatendo sobre determinado assunto, a partir de um roteiro prévio. Este material envolve conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações.

Segundo Kruger (1988) ele pode ser considerado uma espécie de entrevista de grupo. Mas, diferentemente desta, em que às perguntas do entrevistador se seguem as respostas dos que são entrevistados, o que ocorre é o estabelecimento de uma interação entre os membros do grupo e a consequente coleta de dados, a partir não de perguntas "fechadas", mas temas (ou estímulos) apresentados pelo moderador do grupo (que pode ser o pesquisador). Podem ser utilizados, além do moderador, observadores e relatores que podem anotar ou gravar a sessão do Grupo Focal. Concluída a sessão do grupo o conteúdo da discussão é transcrito e analisado, segundo os objetivos e categorias estabelecidos para a pesquisa.

Os participantes selecionados precisam ter características em comum, por exemplo, que sejam alunos da mesma instituição e do mesmo nível de ensino. Mas ao mesmo tempo precisam ser suficientemente diferentes para favorecer o debate (a definição dos participantes por sorteio, por exemplo). Por ser baseado no debate, um princípio fundamental é a não diretividade, ou seja,

> ... o facilitador ou moderador da discussão deve cuidar para que o grupo desenvolva a comunicação sem ingerências indevidas da parte dele, como intervenções afirmativas ou negativas, emissão de opiniões particulares, conclusões ou outras formas de intervenção direta. (GATTI, 2012, p. 9).

Não quer dizer que o moderador apenas ouça o grupo, pois ele é responsável por fazer encaminhamentos a partir do tema, interferir para auxiliar as trocas entre os participantes e para manter o foco da discussão conforme o objetivo da pesquisa. Para Gatti (2012, p. 9):

> Fazer a discussão fluir entre os participantes é sua função, lembrando que não está realizando uma entrevista com um grupo, mas criando condições para que este se situe, explicite pontos de vista, analise, infira, faça críticas, abra perspectivas diante da problemática para o qual foi convidado a conversar coletivamente.

Histórico

Para Leitão (2003) o trabalho de Bogardus, realizado em 1926, pesquisando alunos de uma escola e incentivando-os a expressarem suas ideias, pode ser considerado

a “pedra fundamental” da metodologia de Grupos Focais. Bogardus enfatizou a riqueza das discussões originadas pelos grupos, se comparadas com os resultados das entrevistas individuais.

Paul Lazarsfeld, sociólogo americano, utilizou essa metodologia para analisar o impacto da transmissão dos programas de rádio, na época da Segunda Guerra Mundial, sobre o moral dos cidadãos. Esse trabalho despertou o interesse de Robert Merton e colaboradores na década de quarenta. Eles utilizaram o método em pesquisas sociais com soldados durante a II Guerra Mundial, para conhecer a eficácia do material de treinamento para as tropas e o efeito das propagandas persuasivas utilizadas.

Com o passar do tempo a metodologia foi adaptada para a utilização em pesquisas de Marketing e, a partir dos anos 1980, foi empregada em estudos nas áreas da Saúde e das Ciências Sociais. Atualmente, também é empregada em estudos de Antropologia, Comunicação, Educação, entre outras, e na avaliação de programas de intervenção na comunidade.

Morgan (1996) aponta a década de 1980 como o período em que a utilização das entrevistas em grupo, de forma geral, e em grupo de foco, de forma particular, foi realizada em maior escala. Inicialmente o método foi chamado entrevista focada, porém era indiferente se fossem utilizadas entrevistas individuais e coletivas, embora as coletivas fossem comuns.

2 Para que serve um Grupo Focal?

Nesta seção vamos explicitar as possibilidades e as limitações do método, de acordo com diferentes autores.

Sua principal vantagem é possibilitar respostas mais amplas e completas, verificando as representações ou a lógica dos participantes em relação ao assunto discutido. Além disso, é um método muito propício quando “se quer explorar o grau de consenso sobre um certo tópico. Poderíamos acrescentar: quando se quer compreender diferenças e divergências, contraposições e contradições”. (GATTI, 2012, p. 10). Ou seja, mais do que expor as opiniões pessoais, o grupo focal possibilita compreender as ideias partilhadas pelos participantes e como se influenciam mutuamente.

Um grupo focal pode ser utilizado em diferentes etapas de uma pesquisa, de acordo com os objetivos. Por exemplo, pode ser utilizado na “busca de aperfeiçoamento e de aprofundamento da compreensão, a partir de dados provenientes de outras técnicas” (GATTI, 2012, p. 12). Tem como vantagem sobre a entrevista individual a possibilidade de captar “processos e conteúdos cognitivos, emocionais, ideológicos, representacionais, mais coletivos, portanto, e menos idiossincráticos e individualizados”. (GATTI, 2012, p. 10).

3 Como utilizar um Grupo Focal?

Nesta seção serão explicadas as etapas de elaboração e aplicação de um grupo focal, bem como orientações sobre as possibilidades de análise dos dados obtidos. Os participantes selecionados precisam ter características em comum, mas ao mesmo tempo precisam ser suficientemente diferentes para favorecer o debate. Um grupo focal pode ser utilizado em diferentes etapas de uma pesquisa, de acordo com os objetivos.

As vantagens da utilização da metodologia de Grupos Focais podem ser resumidas da seguinte forma, segundo o apresentado por Krueger e Casey (1988):

- ✓ O Grupo focal permite aos participantes, através da troca de opiniões e vivências, tomarem consciência das crenças e atitudes, pensamentos e aprendizagens que estão presentes em seus comportamentos e nos dos outros.
- ✓ Por comparar diferentes visões sobre o mesmo tema, serve para investigar comportamentos complexos e motivações.
- ✓ A dinâmica estabelecida no grupo pode ser um fator sinergético no fornecimento de informações.
- ✓ Ajuda o pesquisador a conhecer a linguagem que a população usa para descrever as experiências, os valores, os estilos de pensamento, além do processo de comunicação que estabelecem.
- ✓ É produtivo, pois um número pequeno de grupos pode gerar um grande número de ideias sobre as categorias pretendidas pela pesquisa.

Quanto a desvantagens desta metodologia Morgan (1996) aponta as tendências grupais que podem levar à "conformidade" ou à "polarização". A conformidade acontece quando alguns participantes não fornecem informações no grupo que, possivelmente, apareceriam em uma entrevista individual. A polarização ocorre quando os participantes expressam no Grupo muitas informações divergentes e contrastantes, levando à polêmica intensa.

No exemplo descrito na próxima seção, os grupos focais foram utilizados de forma tradicional, ou seja, presencialmente, mas, tendo em vista as atuais tecnologias digitais, que possibilitam videoconferência e/ou comunicação *on-line*, é viável realizar um estudo com grupo focal via Internet. Por exemplo, é possível realizar a discussão através de um *chat* ou de um aplicativo do tipo Whatsapp. Os princípios devem ser mantidos, especialmente quando a não diretividade do mediador/pesquisador. O fundamental é que em qualquer situação os participantes possam expressar suas ideias sobre o assunto em estudo, da maneira o mais sincera possível. É claro que sempre haverá a interferência do grupo, e isto é muito interessante, pois mostra as opiniões contextualizadas e não individualmente, refletindo melhor as questões sociais que interferem nas opiniões individuais.

4 Cenário ilustrativo: uma experiência de utilização de Grupo Focal (GF)

A pesquisadora descrita no começo deste capítulo escreveu a tese "O papel da mediação tecnológica na aprendizagem dos alunos do primeiro segmento do ensino fundamental do Colégio Pedro II – *Campus* Tijuca I". A pesquisa partiu da hipótese de que "a mediação tecnológica impacta objetiva e subjetivamente os processos de ensino-aprendizagem" e procurou respostas para as seguintes perguntas: "qual é o papel da mediação das tecnologias digitais na aprendizagem dos alunos?" e "como os alunos estão se apropriando das tecnologias digitais, dentro e fora da escola?".

O objetivo geral foi "investigar o papel da mediação das tecnologias digitais na aprendizagem dos alunos do primeiro segmento do ensino fundamental do Colégio Pedro II – *Campus* Tijuca I", localizado na cidade do Rio de Janeiro. E os objetivos específicos foram: "analisar historicamente a realidade sociotécnica em que vivemos e a educação que se faz necessária neste contexto"; "analisar as novas formas de subjetividade e de sociabilidade"; "caracterizar e aprofundar o estudo dos processos de aprendizagem, partindo da teoria histórico-cultural"; "desenvolver uma investigação com os alunos para verificar os impactos objetivos e subjetivos da mediação tecnológica no processo de aprendizagem".

A perspectiva foi predominantemente qualitativa, com abordagem sócio-histórica, sendo uma pesquisa aplicada, pois procurou respostas para um problema de ordem prática, a partir de um referencial teórico anterior. A metodologia foi composta de duas grandes bases de dados: pesquisa bibliográfica e investigação de campo (questionário e grupos focais). Foi utilizada a análise de conteúdo para tratar os dados.

Como conclusões, apontou que as transformações pelas quais passa o nosso mundo impactam objetiva e subjetivamente nossas vidas, especialmente em relação aos novos sujeitos, que já nasceram numa ecologia cognitiva digital. E que as tecnologias digitais precisam ser consideradas ao tratar de uma educação compatível com a contemporaneidade, preocupada com a aprendizagem significativa e o desenvolvimento cognitivo, priorizando o trabalho por projetos, colaborativo e visando à resolução de problemas.

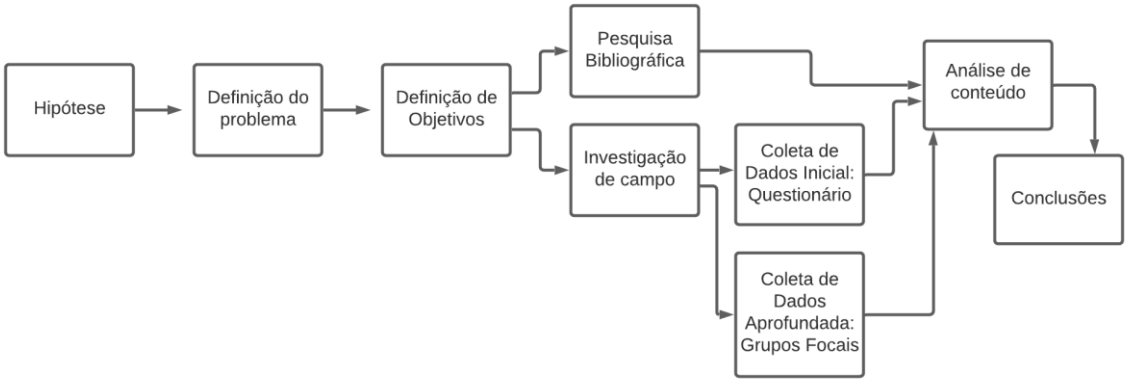

Figura 1: Etapas da pesquisa

A primeira etapa de coleta de dados foi feita através de questionário e aprofundada através do uso de grupos focais. A adesão foi voluntária num primeiro momento, no qual os alunos foram convidados a participar livremente e os pais autorizaram a participação na pesquisa como um todo, e, num segundo momento, por sorteio, para delimitar um grupo de dez participantes. Foram cinco grupos focais, um de cada ano de escolaridade, com o objetivo de abarcar todo o primeiro segmento do ensino fundamental (do 1º ao 5º Anos). O sorteio de alunos por ano de escolaridade de uma única turma, ao invés de diversificar a amostra sorteando alunos da mesma série, mas de turmas diferentes, ocorreu em função da dinâmica da instituição, de maneira a não prejudicar as aulas regulares. Se por um lado não é muito recomendável formar grupos de pessoas que se conhecem muito, porque interfere nas dinâmicas de poder, por outro lado, favoreceu o estabelecimento da confiança mútua, fator fundamental para um grupo focal. Considerando a faixa etária dos alunos, a escolha tornou-se um fator muito positivo.

Convém relatar que em alguns momentos foi muito difícil trabalhar com grupos focais com crianças. A maior dificuldade foi manter o interesse dos alunos pelas discussões propostas e animar o diálogo sem perder o foco.

Os indicadores essenciais do estudo foram: 1) de acordo com a teoria psicológica histórico-cultural, os seres humanos aprendem por processos de construção de conceitos; 2) a aprendizagem costuma ser mais eficaz quando pautada em processos que favoreçam a mediação e a colaboração entre os sujeitos; e 3) as crianças de hoje utilizam as tecnologias digitais, dentro e fora das escolas, buscando aprender. A partir destes três indicadores, com apoio no referencial teórico, foram destacadas as quatro categorias de análise utilizadas: subjetividade, sociabilidade, mediação da aprendizagem (incluindo a mediação tecnológica) e formação de conceitos.

Todos os grupos foram realizados com os participantes sentados em roda, inclusive a moderadora. O registro foi feito com uma filmadora e um gravador, e, posteriormente, transcrito. Também foram feitos registros escritos de campo, imediatamente após a realização do grupo, para detalhar o como ocorreu. Sem perder de vista a perspectiva de debate, foi solicitado aos alunos que procurassem falar um de cada vez, para evitar o excesso de sobreposição de vozes, o que dificultaria a posterior compreensão/transcrição. Mas sempre deixando claro que eles poderiam responder a qualquer um dos participantes, porque estávamos debatendo o assunto. Em alguns momentos, especialmente nas turmas de alunos mais novos, foi necessário repetir individualmente as perguntas do roteiro, porque, mesmo intervindo de maneira a fazê-los interagir, eles tiveram dificuldade em debater o assunto (houve preocupação em fazer com que todos participassem).

Houve variação quanto ao tempo de duração de cada grupo, entre 1h e 1h40min, e ao número de sessões, entre uma e três. A variação no número de sessões teve a ver com o planejamento de Informática Educativa (IED) cada turma. Por exemplo, a turma 401, naquele período letivo, só teve um tempo semanal de IED, dificultando a realização do GF. Foi feito o registro da atividade de IED que antecedeu cada sessão, pois fazia parte do roteiro avaliar a atividade do dia.

A primeira parte do roteiro era destinada a exploração dos aspectos de ensino e de aprendizagem, envolvidos nos usos das tecnologias digitais, dentro e fora da escola. Assim, se iniciava no Laboratório de Informática Educativa (LIED), com a participação na primeira metade da aula. E as questões para a discussão eram: o que vocês acharam da atividade? O que vocês acham das atividades da Informática no Colégio? O que vocês aprendem nas aulas de IED? O que aprendem fora da escola usando tecnologias digitais? É parecido?

Além destas, também foram utilizadas questões para clarear aspectos relacionados à subjetividade e à sociabilidade dos alunos, destacando a interação e a mediação: vocês usam as tecnologias digitais mais em grupo ou sozinhos? Por exemplo: preferem jogo em grupo ou individual? Vocês aprendem mais sozinhos ou em grupo, com os amigos? Como, por que e quando vocês se comunicam? O que vocês postam / compartilham na Internet? As suas amizades da Internet são amizades existentes *on-line* ou também conhecem esses amigos presencialmente? O que vocês acham de copiar e colar? E, a seguir, questionei os grupos sobre os aspectos positivos e negativos das tecnologias digitais: O que vocês acham melhor e pior nas tecnologias digitais? O que mais curtem? Tem algo que não gostam?

A segunda parte começava com uma animação sobre segurança na Internet[1]. O objetivo era tornar claros os conhecimentos que os alunos possuem sobre uso seguro e responsável. Foi a maneira encontrada para analisar a criticidade dos alunos frente às tecnologias digitais. Assim, foi questionado: o que vocês acharam do vídeo? Concordam com ele? Havia no vídeo um pedaço que mostrava os perigos da tecnologia. Vocês perceberam qual foi? O que vocês acham disso? O que fazer para usá-la com segurança?

Os GFs com a turma de 5º Ano e com a de 4º Ano foram mais ricos, seja quanto aos usos, ou quanto às formas de sociabilidade, enfim, sobre todos os aspectos. Nas turmas de 1º Ano, 2º Ano e 3º Ano, ficou evidente que os pais exercem maior controle sobre os usos das tecnologias digitais, na medida em que têm medo de que as crianças estraguem os aparelhos e/ou corram riscos na Internet. Aliás, em todos os casos, há um controle importante dos pais, ao contrário do que muitas reportagens, e até alguns autores, retratam sobre o total *laissez-faire* dos pais, em relação aos usos que os filhos fazem das tecnologias digitais.

Por outro lado, fazer os GFs com todos os anos de escolaridade demonstrou como as crianças, desde muito pequenas, estão iniciando os usos das tecnologias digitais. Se o jogo é a atividade que elas mais utilizam, as aprendizagens que têm com os jogos vão além do jogo em si. Os alunos estão aprendendo usos como baixar programas, instalá-los, abrir, fechar, fazer algumas configurações, carregar aparelhos (carga elétrica), além de hábitos de segurança e muitas outras coisas. Estão, inclusive, aprendendo a se comunicar de novas maneiras, especialmente com o uso de aplicativos para *smartphones* do tipo do WhatsApp (por exemplo, podem mandar mensagens de voz, ao invés de digitar). Exemplo de diálogo estabelecido no grupo focal do 4º Ano, a

[1] Versão resumida do filme "Guia de Navegação para o Uso Responsável da internet". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gmVjPr-8Pp4>. Acesso em: 22 ago. 2016.

partir do item referente à preferência pelo trabalho individual ou coletivo ao usar tecnologias digitais:

> Aluna 1: eu prefiro fazer em dupla porque se você tem alguma dúvida e tal você pode perguntar pro amigo, e porque você pode brincar com ele e tal.
>
> Aluna 2: prefiro em dupla ou em grupo, porque vocês podem se ajudar, cada um, você consegue fazer raciocínio, aí cada um dá uma ideia até chegar num acordo.
>
> Aluno 1: na minha opinião, eu gosto de fazer em grupo, porque quando você joga sozinho perde um pouco a diversão do jogo.
>
> Aluna 3: eu gosto mais em dupla porque a gente pode ajudar um ao outro e você desenvolve a sua consciência. Por exemplo: quando um te ajuda, você pensa mais naquilo e se interessa mais naquilo.
>
> Aluno 2: eu acho que cada jogo varia de cada preferência. Tem jogo que até mesmo não dá pra jogar em dupla ou num grupo *on-line*, mas tem jogo que dá pra você jogar, mas tem jogo também que você precisa pensar individualmente, e tem outros que você precisa ajudar o outro, aí você pega uma coisa pro outro e uma pra você, e quando você vê já está desenvolvida essa coisa de um ajudar o outro. É isso que falei, não é necessariamente só pra jogar, dá pra fazer outro tipo de coisa.
>
> Aluna 4: eu gosto dos dois, depende do jogo, só que em dupla ou em grupo, você aprende a ouvir os outros e dá sugestões... (VASCONCELLOS, 2016, p. 266)

Com a análise dos grupos focais, ficou claro que a hipótese levantada, de que a mediação tecnológica impacta objetiva e subjetivamente os processos de ensino e aprendizagem, é verdadeira. E também foi possível responder às questões de estudos, seja quanto ao papel das tecnologias digitais na aprendizagem dos participantes, seja quanto ao como os alunos estão se apropriando destas tecnologias dentro e fora do colégio.

5 Grupos Focais com apoio de tecnologias digitais

A utilização de recursos tecnológicos para facilitar os grupos focais entre participantes distantes geográfica e temporalmente não é assunto novo. Já existiam ações através de telefone e videoconferência. No entanto, com o avanço da Internet, outras tecnologias ampliaram as possibilidades desse tipo de investigação.

Os fóruns, chats e recursos de mensagem instantânea (como WhatsApp, Messenger e Telegram) podem ser utilizados para a realização de grupos focais sempre que o diálogo escrito e as trocas mais curtas e objetivas sejam requeridas. Nestes casos, não há necessidade de transcrição, pois as discussões acontecem de forma escrita, o que pode ser interessante em alguns casos, como em pesquisas com tempo limitado. Também podem ser favoráveis quando o assunto em discussão é delicado, mas a sensação de anonimato deixa muitos participantes à vontade para participar por escrito. Como restrição com relação à questão do anonimato, dependendo do recurso, o registro

do participante pode gerar constrangimentos, sendo necessário avaliar criteriosamente se seu uso é o melhor caminho para aquele assunto/tema de pesquisa. Ao utilizar ferramentas cujo foco da comunicação é o texto escrito, a sincronicidade da discussão é um aspecto enriquecedor, que aproxima o formato de grupo focal *on-line* do presencial. Mas também é possível gerar discussões assíncronas, o que impõe uma maior dificuldade para o moderador, que necessita se capacitar em outros aspectos para conseguir manter a discussão por certo tempo, sem perder de vista o assunto do estudo. A falta do encontro "cara a cara" também pode alterar as dinâmicas de poder dentro de um grupo focal, como afirma Barbour (2009, p.189) ao relatar um experimento por ela realizado:

> Um aspecto interessante desse último uso foi que os indivíduos tinham menos chances de dominarem a discussão do que nos grupos presenciais, talvez porque, na ausência do contato visual, eles não poderiam se basear em significantes de *status* e linguagem corporal para marcar suas reivindicações de tratamento preferencial quanto ao tempo de fala.

Com relação ao conteúdo obtido através dos grupos focais mediados por tecnologias digitais, existem estudos que comprovam sua validade e proximidade com achados realizados em discussões convencionais, presenciais, ainda que apresentem diferenças:

> Campbell e colaboradores (2001) e Underhill e Olmsted (2003) acharam que as discussões *on-line* e os grupos presenciais produzem quantidades semelhantes de dados e que havia uma grande similaridade em termos dos temas identificados. Schneider e colaboradores (2002) também compararam grupos focais *on-line* e discussões presenciais, no contexto de eliciar as visões sobre o número de *websites* relacionados à saúde. Eles relataram que as contribuições *on-line* foram mais curtas e que a participação era mais uniforme. Eles concluem que os grupos focais *on-line* e os grupos presenciais podem desempenhar papéis diferentes, dependendo da natureza da questão de pesquisa e do grau no qual participações iguais, porém sucintas, são consideradas importantes se comparadas a engajamentos mais extensos, ainda que desiguais. (BARBOUR, 2009, p. 190)

Também é possível aproveitar discussões *on-line* já estabelecidas para apurar um determinado assunto, especialmente assuntos comerciais, como a preferência por um produto ou os problemas que ele apresenta. Ou ainda, analisar assuntos polêmicos que geram discussões acaloradas, especialmente em redes sociais *on-line*. Mas nesse caso, são necessários conhecimentos adicionais sobre os recursos e competências comunicacionais diferenciadas do moderador, que precisam ser melhor estudadas.

Mais recentemente, os recursos de webconferência (Zoom, Meet, Teams e muitos outros, que podem ser classificados pela quantidade máxima de participante que podem reunir e pelos recursos adicionais que oferecem) trazem perspectivas muito ricas para a utilização remota de grupos focais, pois algumas ferramentas disponíveis oferecem áudio e vídeo ao vivo, algumas com recurso de gravação, favorecendo uma aproximação significativa aos grupos focais presenciais. Também podem ter em acréscimo o *chat* escrito incorporado, que pode ser outra fonte de coleta de dados, dentro da mesma discussão.

Em geral, quanto ao uso de recursos comunicacionais digitais para a realização de grupos focais, são vantagens: A) reunir participantes dispersos remotamente; B) economia quanto aos deslocamentos, recrutamento de participantes e transcrição (quando se tratam de recursos escritos); C) podem ser utilizados para fazer uma amostra inicial mais ampla que posteriormente será aprofundada em estudos mais tradicionais. E como principais desvantagens, podemos citar: A) possibilidade maior de perda de foco de discussão, sendo requeridas competências e habilidades adicionais do moderador para guiar as discussões; B) maior dificuldade em facilitar/encaminhar os itens previstos no roteiro; C) problemas de conexão com a Internet e outros problemas técnicos que prejudicam o andamento do grupo focal.

Mais estudos e experimentos são necessários para ampliar o conhecimento sobre o assunto, mas existem boas perspectivas. Não é uma questão de substituição do grupo focal presencial pelo *on-line*. As aplicações e possibilidades são diversas, ampliando o leque de possibilidades do uso de grupos focais em pesquisas qualitativas.

6 A título de conclusão... sempre provisória (Resumo)

No presente capítulo pudemos conhecer o que é um grupo focal e qual a sua finalidade, incluindo um aprofundamento conceitual sobre diálogo e consenso, elementos fundamentais na técnica em questão. Como afirma Gadamer (1987, p. 87), no diálogo "a linguagem se forma, amplia e atua", ou seja, ele possibilita a construção do conhecimento na interação com o outro. O consenso nem sempre pode ser atingido numa discussão de grupo focal, mas é possível vislumbrar a perspectiva do assunto em debate mais aceita socialmente. No percurso de um grupo focal os conflitos surgem e são parte esperada do processo. É graças a eles que se pode confrontar visões de mundo e refletir com maior amplitude sobre o assunto.

Um grupo focal é uma técnica de trabalho em grupo, cujo objetivo é coletar material expressivo de maneira interativa, discutindo um assunto a partir de um roteiro prévio. Este material envolve conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações. É mais do que uma entrevista em grupo, pois o diálogo entre os participantes é fundamental. Pode ser moderado por um único pesquisador ou envolver outros pesquisadores que trabalham como observadores e relatores, pois exige registros precisos das discussões (seja através de gravações de áudio, vídeo ou registros escritos). Necessita que os participantes tenham características em comum (por exemplo, uma mesma profissão), mas com alguma heterogeneidade (por exemplo uns trabalhem no setor público e outros no setor privado), pois grupos muito homogêneos não favorecem o diálogo entre pontos de vista diferentes, ou seja, reforçam um mesmo ponto de vista. Também deve-se tomar cuidado ao selecionar participantes que se conhecem, pois poderá influenciar nas dinâmicas/disputas de poder ao longo dos debates. Pode ser utilizado em diversos campos de conhecimento, a saber: Marketing, Saúde, Educação, Ciências Sociais, entre outros, tanto como método de coleta inicial (para conhecer o campo), quanto como recurso de aprofundamento do estudo (após utilizar outros métodos, como o questionário, por exemplo). E, um último ponto fundamental, é preciso ter clara a não diretividade do moderador, ou seja, o pesquisador deve ter o

cuidado de não emitir opiniões que possam direcionar o debate. Isto não quer dizer que ele não necessite intervir, pois precisará estimular o diálogo, mas deve ter cautela com a emissão de valor ao pontuar ou indicar algum caminho de discussão. Convém ressaltar que é um método que pode ser utilizada via recursos digitais *on-line*, mas com as devidas adequações.

A principal vantagem de um grupo focal é possibilitar respostas mais amplas e completas, verificando as representações ou a lógica dos participantes em relação ao assunto discutido. É um método propício quando queremos explorar o grau de consenso sobre um certo tópico. Quanto à desvantagem, podemos citar as tendências à polarização e à conformidade.

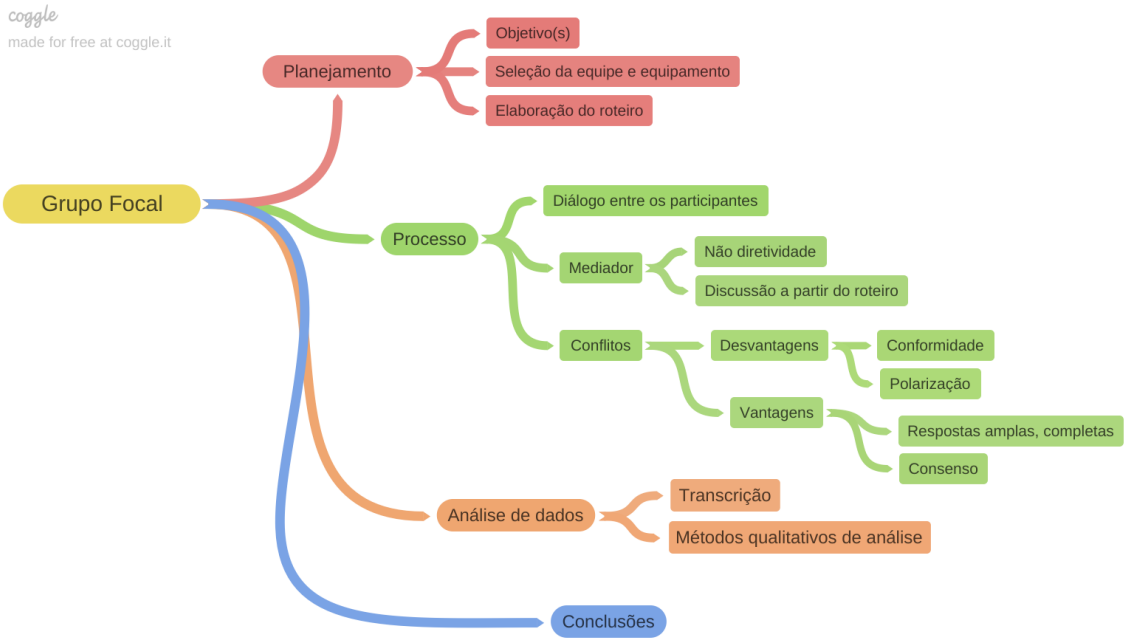

Figura 2: Mapa mental das diretrizes de uso de Grupos Focais

7 Leituras recomendadas

- **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** (GATTI, 2012). Este livro é um manual simples e direto, que busca introduzir os pesquisadores iniciantes no assunto, possibilitando um conhecimento básico sobre grupo focal.

- **Grupos Focais**. (BARBOUR, 2009). Este livro também é um manual sobre grupos focais, porém bem mais abrangente, contendo histórico, questões éticas, análise de limitações e de possibilidades, entre outros aspectos.

8 Artigos sugeridos

BORDINI, Gabriela Sagebin; SPERB, Tania Mara. O uso dos grupos focais on-line síncronos em pesquisa qualitativa. **Psicologia em Estudo**, 2011, vol.16, n.3, p.437-445. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000300011>. Acesso em: 10 out. 2016.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. Cadernos de Pesquisa**. 2002, n. 115, p.139-154. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 dez. 2017.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: Desafios metodológicos. **Revista Paidéia**. 2002, vol. 12, n 24, p.149-161. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000300004.> Acesso em: 15 jan. 2018.

OLIVEIRA, Alysson André Régis de; LEITE FILHO, Carlos Alberto Pereira, RODRIGUES, Cláudia Medianeira Cruz. O Processo de Construção dos Grupos Focais na Pesquisa Qualitativa e suas Exigências Metodológicas. **Anais do XXXI EnANPAD**. Rio de Janeiro, 22 a 26/09/2007. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EPQ-A2615.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2018.

TRAD, Leny A Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, 2009. v. 19, n.3, p.777-796. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013>. Acesso em: 20 dez. 2017.

9 Checklist: percurso metodológico para uma pesquisa utilizando a metodologia do grupo focal

Agora, que já caracterizamos o Grupo Focal e descrevemos uma experiência de pesquisa utilizando essa metodologia, vamos apresentar uma espécie de *checklist* para o pesquisador, constituído de três partes: as etapas ou passos metodológicos que compõem o Grupo Focal, alguns cuidados essenciais na sua aplicação e a elaboração do Roteiro do Grupo Focal.

Tentamos, assim, facilitar a tarefa dos que escolherem essa opção metodológica e facilitar as boas práticas e experiências bem sucedidas com a utilização da mesma.

Passos metodológicos de um Grupo Focal:

Segundo Tanaka e Melo (2001), temos:

- Definição clara do problema ou da questão que se está pesquisando.

- Escolha e preparação da equipe coordenadora de cada Grupo Focal: facilitador ou moderador, observador (se assim for decidido) e relator.
- Definição do número de Grupos Focais que serão realizados.
- Definição do espaço físico e dos recursos necessários para a realização dos Grupos Focais.
- Seleção dos participantes do Grupo Focal, convite, informações iniciais sobre o tema a ser discutido, confirmação da presença.
- Desenvolvimento das sessões do Grupo Focal.
- Discussão da metodologia de análise dos resultados, estabelecida anteriormente.
- Aplicação da metodologia de análise dos resultados do Grupo Focal.
- Elaboração do Relatório de cada Grupo Focal e de um Relatório Síntese de todo o processo, que comporá o banco de dados da pesquisa.

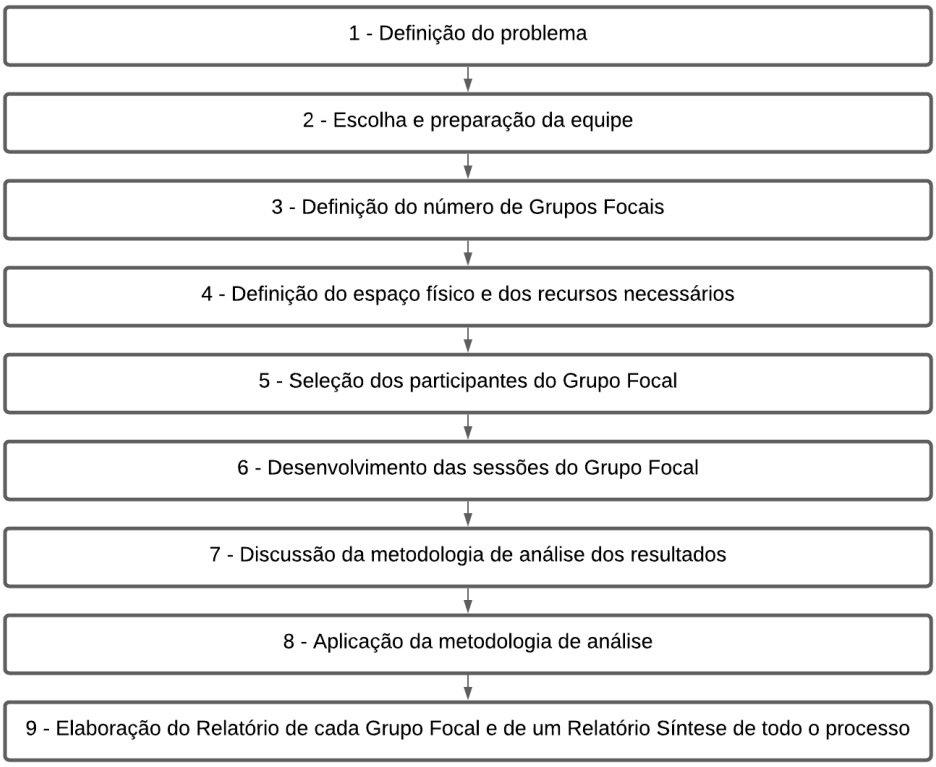

Figura 3: Etapas da Pesquisa

Alguns cuidados sugeridos para a utilização da metodologia de Grupo Focal:

- ➢ Quanto à equipe coordenadora das sessões dos grupos: é necessário que facilitador, observadores, relatores conheçam bem a pesquisa que está sendo realizada e a metodologia de Grupo Focal.

- Quanto à quantidade de grupos: devem ser considerados aspectos como a complexidade do tema e a extensão e complexidade da amostra pretendida. Normalmente varia do mínimo de 3 ou 4 grupos a 10 ou 12 grupos, no máximo.
- Quanto ao número de componentes de cada grupo: normalmente os grupos têm entre 6 e 10 membros (pode-se convidar mais 20% de pessoas, para cobrir possíveis ausências). Pode ajudar na definição desse número a aplicação de uma fórmula simples que ajuda a prever quantas falas ou interações podemos esperar no grupo. É N x (N-1) / 2. Assim, se tivermos 10 componentes, podemos esperar em torno de 45 interações ou respostas.
- Quanto à seleção dos participantes: há alguns aspectos que devem ser considerados, como a manutenção de certa homogeneidade do grupo, equilibrando uniformidade e diversidade; o perfil compatível com o tema que se está pesquisando e os objetivos da pesquisa; evitar a familiaridade ou conhecimento prévio entre os convidados e dos mesmos com o moderador do grupo. Segundo Morgan (1996), os participantes devem ser selecionados de modo que o grupo não resulte em incontornáveis discussões frontais ou em recusa sistemática de emitir opiniões.
- Quanto à informação prévia aos convidados para participar do Grupo Focal: deve ser suficiente para permitir o consentimento informado quanto à participação, mas não excessiva, para que não sejam desenvolvidas ideias pré-concebidas sobre o tema.
- Quanto ao espaço físico e recursos para os encontros dos grupos: o local deve permitir a interação entre os participantes dos grupos, cujas sessões não devem exceder três horas de duração. Pode ser utilizado equipamento para registrar as discussões através de gravação de áudio (ou vídeo) e os participantes devem ser identificados com um cartão com o primeiro nome.
- Quanto ao papel da equipe coordenadora do Grupo Focal: o moderador fará intervenções de acordo com a lista de estímulos ou temas elaborada anteriormente. Elas serão mais ou menos frequentes de acordo com a discussão mais ou menos estruturada que se deseja. Ele deverá sempre proporcionar uma atmosfera favorável à discussão, controlar o tempo e estimular todos a falarem, evitar a monopolização da discussão e encorajar os mais reticentes e estar atento às expressões gestuais dos participantes e saber interpretá-las. Segundo Debus (1988) a escolha do moderador do grupo focal é vital para a realização de um debate eficaz. Essa escolha deve considerar: 1) características pessoais; 2) estilos de moderação; 3) experiência e antecedentes. A experiência na condução de grupos ajuda bastante a sua atuação. O observador (se houver) deve acompanhar atentamente as sessões, podendo registrar os aspectos mais importantes percebidos. O relator deve gravar a íntegra da sessão do grupo.

- Quanto à dinâmica do encontro de cada Grupo Focal: o moderador inicia a sessão com uma fala breve, agradecendo a presença e propondo uma breve auto apresentação. Deve explicar os objetivos do encontro, como foram selecionados os participantes, por que não foram dadas muitas informações sobre a reunião até aquele momento, falar sobre o uso de gravadores e o sigilo das informações obtidas. Deve esclarecer que todas as opiniões são importantes, não existindo comentários certos ou errados. Solicita que cada participante fale de uma vez, permitindo uma boa gravação das falas. Informa a duração do encontro e como este será desenvolvido. Introduz um estímulo geral relativo ao tema e promove uma rodada inicial de falas, possibilitando a todos um comentário geral sobre o tema.

- Quanto à análise dos resultados: não existe um modelo fechado de análise de dados. Após a escuta repetida da gravação faz-se a transcrição das sessões de cada grupo. As duas maneiras básicas de se proceder à análise são os sumários etnográficos e a codificação dos dados via análise de conteúdo. A diferença principal entre estes dois procedimentos é que o primeiro vai focalizar as citações textuais dos participantes do grupo, agrupadas de acordo com as categorias de análise formuladas ou novas, identificadas no momento da escuta das gravações e que vão assim ilustrar os achados principais da análise. O segundo enfatiza a descrição numérica de como determinadas categorias explicativas aparecem ou estão ausentes das discussões, e em quais contextos isto ocorre. Existem *softwares* que auxiliam a análise e o tratamento quantitativo e qualitativo dos dados. A análise deve extrair tudo que for relevante e associado com o tema pesquisado e obter ideias que possam dar suporte às conclusões que serão apresentadas nos relatórios. Estes dever estabelecer o cruzamento entre as informações buscadas e os elementos identificados nas falas dos participantes, cujos fragmentos dos discursos podem ser inseridos ilustrativamente, evitando generalizações excessivas.

O Roteiro do Grupo Focal

Chamamos de Roteiro do Grupo Focal o planejamento da sessão dos grupos incluindo os estímulos deflagradores da interação. Ele é preparado pelo mediador ou facilitador, em conjunto com a equipe da pesquisa e segue alguns princípios, começando pela reunião de toda a equipe envolvida para definir conjuntamente os temas e a transformação destes em questões chave, organizadas por ordem de complexidade (das mais simples para as mais complexas), que irão nortear as interações dos Grupos a serem realizados, visando o levantamento e a obtenção dos dados requeridos pelos objetivos específicos propostos pela pesquisa.

A ordem das questões não é imutável, podendo ser alterada de acordo com a dinâmica de cada Grupo Focal, mas o importante é que todas sejam abordadas, sem que haja repetição ou omissão

É conveniente observar que este Roteiro é flexível, podendo ser adequado durante a realização da sessão do Grupo Focal.

O número de questões é determinado pelo número de participante e pelo tempo de duração do Grupo Focal, costumeiramente cerca de uma ou duas horas. Espera-se que a discussão de cada questão demore de 15 a 20 minutos (mas isto depende de características dos participantes como, por exemplo, idade e familiaridade com o tema). Ao final de cada sessão de Grupo Focal deve-se destinar um minuto a cada participante, para que expresse as suas impressões sobre o encontro.

No Roteiro é necessário considerar que podem surgir novas questões chave, trazidas pelos próprios participantes, e que só devem ser incorporadas se trouxerem contribuição para os objetivos da pesquisa.

10 Referências

BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais.** Porto Alegre: Artmed, 2009. Coleção Pesquisa qualitativa.

DEBUS, Mary. (Org.). **Manual para excelencia en la investigación mediante grupos focales.** Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1988.

DUARTE, A. B. S. Grupo Focal online e offline como técnica de coleta de dados. **Informação & Sociedade**: estudos, 17(1), 2007, p. 81-95.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADAMER, Hans-Georg. **A razão na época da ciência**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

GADAMER, Hans-Georg. **Gesammelte Werke 2. Hermeneutik II**. Wahrheit und Methode. Tübingen: Mohr Siebeck, 1993.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

KRUEGER, R.A.; CASEY, M.A. **Focus group**: a practical guide for applied research. California: Thousands Oaks, 1988.

LEITÃO, Bárbara Júlia Menezzelo. **Grupos de foco:** o uso da metodologia de avaliação qualitativa como suporte complementar à avaliação quantitativa realizada pelo sistema de Bibliotecas da USP. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2003. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27148/tde-12082003-150618/pt-br.php. Acesso em: 08 fev. 2018.

MORGAN, D. L. **Focus groups as qualitative research.** Beverly Hills: SAGE Publications, 1996.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; ROMÃO-DIAS, D.; DI LUCCIO, F. Uso de Entrevistas On-Line no Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). **Psicologia**: Reflexão e Crítica, 22(1), 2009, p. 36-43.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia** - o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

TANAKA, Oswaldo Y.; MELO, Cristina. **Avaliação de Programas de Saúde do Adolescente** - um modo de fazer. São Paulo: Edusp, 2001.

VASCONCELLOS, Patricia Ribeiro. **O papel da mediação tecnológica na aprendizagem de alunos do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental do Colégio Pedro II - Campus Tijuca I.** 2016. 322f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

11 Exercícios

Neste item descreveremos os exercícios a serem realizados pelos alunos a fim de que possam formular e aplicar grupos focais em suas realidades investigativas. O primeiro exercício será sobre conceitualização e estrutura (integração de informações). O segundo sobre papel do mediador (situação-problema). E o terceiro sobre roteiro (tarefa roteirizada e prática).

Ao final de cada exercício apresentaremos um comentário, que esperamos que possa auxiliar na sistematização dos conceitos apresentados no capítulo.

Bom trabalho, então!!!

1º Exercício

Ao realizar uma pesquisa com a utilização de Grupos Focais, Ricardo e sua equipe se deparam com três situações que, se não tivessem sido bastante discutidas pela equipe durante o planejamento da aplicação da metodologia, teriam causado sérios prejuízos à coleta de dados realizada.

Vamos apresentá-las e sugerimos que você reflita sobre elas, consulte o texto e verifique como as solucionaria.

Situação 1

No início do Grupo Focal, na acolhida aos participantes, ao ser solicitado para assinar o termo de consentimento informado, um dos mesmos disse que estava deixando de trabalhar naquele momento e só poderia participar mediante uma remuneração financeira.

Situação 2

No desenrolar do debate um dos membros do Grupo Focal começou a utilizar o telefone celular, recebendo e respondendo mensagens seguidamente.

Situação 3

Durante o debate das questões trazidas dois componentes do grupo começaram a discordar de forma agressiva, monopolizando o direito de falar e chegando a utilizar palavras e expressões inadequadas.

COMENTÁRIO DO EXERCÍCIO

Situação 1

O correto é agradecer e dispensar o participante. No momento do convite feito ficou bem claro que se tratava de uma atividade de pesquisa científica, não remunerada. Isso não prejudicará o número de participante do Grupo Focal porque, como foi dito no texto, convida-se normalmente mais 20% de pessoas previstas como mínimo necessário, para cobrir possíveis ausências.

Situação 2

O moderador deve, de forma gentil, solicitar que a pessoa guarde o celular. Pode recordar que, no início do encontro, houve um momento em que a dinâmica a ser utilizada foi detalhada e foram fechados acordos sobre o debate, que incluíam a não utilização dos celulares até o término do Grupo Focal.

Situação 3

O moderador deve intervir, solicitando a anuência dos demais participantes do Grupo, para que a cortesia e a urbanidade na discussão sejam retomadas. Nas regras acordadas de início deve ter ficado claro, e isso deve ser retomado, que o direito à fala seria de todos, de forma igual, e que as discordâncias de opinião não poderiam ultrapassar as regras do respeito mútuo.

2º Exercício

Imagine que você é um pesquisador que vai utilizar em sua pesquisa a metodologia de Grupos Focais. As etapas de planejamento foram feitas e agora chegou o momento de preparar o Roteiro.

A proposta é de que você construa questões genéricas, não associadas a um tema específico de pesquisa, apenas como exercício complementar ao que apresentamos no capítulo.

Apresentamos algumas indicações que podem facilitar a sua tarefa.

a. Acolhida dos participantes.
b. Detalhamento da proposta da sessão de grupo e alguns acordos sobre o debate que será realizado.
c. Apresentação dos participantes do grupo.
d. Abertura do debate.

e. Questão / estímulo introdutório

f. Demais questões selecionadas anteriormente.

g. Fechamento da sessão.

h. Questão avaliativa da sessão do grupo.

i. Estímulo para que cada participante faça uma fala final

j. Encerramento do Grupo Focal.

COMENTÁRIO DO EXERCÍCIO

a. Acolhida dos participantes.

Saudação aos participantes. Apresentação do moderador, do relator e do observador (se houver). Distribuição dos crachás com nomes. Solicitação de autorização para gravar a sessão. Assinatura do termo de consentimento informado quanto à participação e utilização dos dados obtidos no Grupo Focal.

b. Detalhamento da proposta da sessão de grupo e alguns acordos sobre o debate que será realizado.

Apresentação da dinâmica a ser desenvolvida, de que se trata de uma pesquisa (uso das informações obtidas no Grupo Focal) e do papel do moderador e dos demais membros da equipe da pesquisa. Definição do foco da discussão (tema da pesquisa), acordo quanto a aspectos como o tempo de duração da sessão do grupo, a gravação da mesma, o uso de celulares, formas e atitudes de intervenção durante o debate.

c. Apresentação dos participantes do grupo.

Solicitação de que cada participante se apresente de forma breve.

d. Abertura do debate.

Comentário sucinto do moderador sobre o tema do Grupo Focal, esclarecendo-o e destacando a importância do mesmo para a pesquisa.

e. Questão / estímulo introdutório

Primeira das questões selecionadas pela equipe da pesquisa, estimulando que todos os participantes opinem sobre ela e estimulando o debate.

f. Demais questões selecionadas anteriormente.

Introdução, caso seja necessário e na ordem que o debate permitir, das demais questões formuladas. O objetivo é extrair do grupo do máximo de intervenções significativas quanto ao conteúdo debatido e promover o debate efetivo de ideias contrastantes sobre o tema.

g. Fechamento da sessão.

Realizada através de uma questão que focalize algum ponto que não tenha sido abordado.

h. Questão avaliativa da sessão do grupo.

Solicitação de que os participantes avaliem a sessão do Grupo Focal, os aspectos que consideraram mais importantes e o impacto do debate sobre todos.

i. Estímulo para que cada participante faça uma fala final.

Semelhantemente ao momento de apresentação do grupo (Etapa c) , o moderador pede que cada um faça uma fala bastante breve (muitas vezes uma palavra ou expressão que sintetize a discussão realizada).

j. Encerramento do Grupo Focal.

O relator ou o observador fazem uma síntese brevíssima das ideias mais importante discutidas pelo grupo. O moderador agradece a presença e a participação de todos, despedindo-se e encerrando o encontro.

Sobre as autoras

Eloiza da Silva Gomes de Oliveira (UERJ)

http://lattes.cnpq.br/7480155728027813

Possui Graduação em Psicologia e em Pedagogia, Especialização em Supervisão Educacional e Mestrado em Psicologia Escolar. Concluiu o Doutorado em Educação (Universidade Federal do Rio de Janeiro) em 1997. Atualmente é professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), atuando na Graduação, no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH), onde lidera o Grupo de Pesquisa "Aprendizagem, subjetivação e cidadania" e como pesquisadora no Grupo de Pesquisa “Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde”, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Coordena o Laboratório de Estudos da Aprendizagem Humana (LEAH). É Diretora do Instituto Multidisciplinar de Formação Humana com Tecnologias da UERJ. Atua especialmente nas áreas de Educação com mediação tecnológica, Aprendizagem, Formação Humana e Políticas Públicas.

Patricia Ribeiro Vasconcellos (Colégio Pedro II)

http://lattes.cnpq.br/2024080076333978

Possui graduação em Pedagogia (UERJ-1999), Especialização em: Educação com Aplicação da Informática (UERJ-2002), Psicopedagogia (UERJ-2007), Mídias na Educação (UFRJ-2012) e Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância (UFF-2012). Mestra (2009) e Doutora (2016) em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/UERJ). Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico - Colégio Pedro II (área: Informática Educativa). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: informática na educação, educação a distância, aprendizagem, ambiente colaborativo de aprendizagem e democratização.